

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Alessandra Marcelina Barbosa

Violência Silenciosa:

*As Transformações Comportamentais dos Homens, Sobre
dos Homossexuais (Uberlândia - Advento do Século XXI).*



Narciso apreciando sua imagem: encontrada nas paredes de uma casa em Pompéia.

UBERLÂNDIA, FEVEREIRO DE 2003

ALESSANDRA MARCELINA BARBOSA

**Violência Silenciosa: As Transformações
Comportamentais dos Homens, Sobretudo dos
Homossexuais (Uberlândia – Advento do Século XXI).**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção de título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Vera Puga de Sousa.

UBERLÂNDIA, FEVEREIRO DE 2003.

ALESSANDRA MARCELINA BARBOSA

**VIOLÊNCIA SILENCIOSA: AS TRANSFORMAÇÕES
COMPORTAMENTAIS DOS HOMENS, SOBRETUDO
DOS HOMOSSEXUAIS (UBERLÂNDIA – ADVENTO DO
SÉCULO XXI)**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vera Puga de Sousa

Ms. Dulcina Teresa Bonatti

Msc. Edmar Henrique D. Davi

Barbosa, Alessandra Marcelina, 1974

Violência silenciosa: as transformações no comportamento dos homens, sobretudo dos homossexuais (Uberlândia – Advento do século XXI)

Alessandra Marcelina Barbosa – Uberlândia, 2003.

64fl

Orientadora: Vera Puga de Sousa

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Sexualidade – Comportamento – Violência.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu querido marido Edilson, que com seu amor e compreensão sempre me incentivou dando um enorme contribuição para a realização do mesmo. Dedico também a minha filha Andressa pessoa pela qual eu seria capaz de novas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Edmar, estudante de Psicologia que deu indicações das pessoas que eu poderia estar entrevistando. Ao funcionário João Batista por me atender sempre com carinho e por ser muito prestativo. Aos meus entrevistados pela atenção e contribuição dada à minha pesquisa. À minha orientadora. A banca examinadora. E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização do meu trabalho o meu melhor muito obrigada.

Sumário

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| ILUSTRAÇÃO DO TEMA | |
| A divisão sexista da sociedade | 12 |
| A entrada do homossexual na cena científica | 17 |
| PRIMEIRO CAPÍTULO | |
| A masculinidade em questão: as transformações no comportamento dos homens | 21 |
| SEGUNDO CAPÍTULO | |
| A sexualidade e suas contradições | 26 |
| O visível e o representável (considerações sobre o discurso) | 28 |
| Os homossexuais no Brasil | 35 |
| Histórias de vida: cotidiano e realidade | 40 |
| TERCEIRO CAPÍTULO | |
| Violência silenciosa: homossexuais a procura de seus direitos | 52 |
| A busca pela cidadania | 53 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 60 |
| BIBLIOGRAFIA UTILIZADA | |
| Fontes orais | 64 |

Resumo

Este trabalho monográfico objetiva fazer uma análise de gênero da “problemática” enfrentada pelos homossexuais, e como a sociedade tem lidado com este grupo de gênero, desde tempos mais imberbes até o advento do século XXI. Para tal análise adotei a seguinte metodologia: em um primeiro momento procurei discorrer acerca dos homossexuais, do ponto de vista social e filosófico, passando – logo em seguida – para uma reconfiguração do que muitos estudiosos têm chamado de “novo homem”, além de uma análise do discurso moderno e da sociedade burguesa, a qual inaugurara referido discurso, até desembocar na história de vida de alguns homossexuais da cidade de Uberlândia – Minas Gerais, e como os mesmos têm encarado a questão da violência sofrida por eles e, por fim, é feita uma discussão acerca da luta e busca de direitos, por e para estes homossexuais

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como idéia o estudo do masculino em gênero, além de sua repercussão do discurso social e científico do homem.

Até a algum tempo, quando se falava em estudo de gênero tinha-se logo a idéia de estudos relacionados ao feminismo. Mas quando nos referimos a esta tendência historiográfica, segundo Rago (*apud* SAFFIOTI, 1992), a mesma busca para si uma definição muito precisa, ficando evidente a preocupação em evitar oposições binárias fixas e naturalizadas (por isso a quebra do estigma de que gênero significa feminismo), para trabalhar com relações sociais e perceber através de que procedimentos simbólicos, jogos de significação, cruzamento de conceitos e relações de poder, nossas referências culturais são sexualmente produzidas. Em face disso, dentro dos estudos antropológicos e historiográficos o termo ganha outra conotação: a de distinguir atributos culturais dados a cada um dos sexos dentro das relações sociais, diferentemente do conceito de sexo biológico.

As relações de gênero são resultado da existência de duas culturas. Nesse sentido o objeto de estudo não pode ficar centrado apenas no campo específico do feminino. Torna-se necessário a abertura para estudos ligados ao masculino.

O tornar-se mulher e tornar-se homem, porém constituem obra das relações de gênero. Tanto isto é verdadeiro que bebês de genitália masculina podem tornar-se mulheres, assim como bebês de genitália feminina podem tornar-se homens... (SAFFIOTI, 1992: 187)

No estudo do aspecto relacional e da construção social da identidade, a participação masculina terá muito a contribuir, sobretudo com a ascendência da homossexualidade masculina. Não podemos nos esquecer, é claro, que o estudo de gênero voltado para o masculino terá como foco a sexualidade, e não a reprodução.

Tendo em vista a sexualidade masculina me direcionarei para a questão da homossexualidade masculina. Fica evidente que para se falar do homossexual é preciso, primeiro, falar da divisão dos papéis sexuais de homens e mulheres. Desta forma, a primeira parte busca mostrar como a mulher foi inserida na estrutura sexista, sendo um ser independente e distinto, porém sensível e vista como inferior ao homem para, conseqüentemente, inserir o homossexual no imaginário científico e como o mesmo teve sua figura aproximada à da mulher. A esta primeira parte dei o nome de *Ilustração do Tema* (antes mesmo de entrar na discussão propriamente dita), uma vez que a grande preocupação deste trabalho foi buscar meios cognocentes para compreender a divisão sexista, tão forte em nossa sociedade.

No primeiro capítulo referiu-se ao homem que está mudando seu papel social, destarte, mudança esta encarada como reflexo das novas relações de gênero que perpassam a sociedade contemporânea, onde está em voga a questão da masculinidade e sua possível efeminização. Como um dos porta-vozes deste “movimento” busquei trazer em cena a obra de Sócrates Nolasco (1993 & 1995) e sua peculiar definição de homem efeminado.

No segundo capítulo entramos na questão da sexualidade e dos discursos sobre a mesma, além da busca pela visibilidade, pela construção da identidade e, por fim, pela inserção do homossexual no contexto brasileiro. Ademais, faz-se algumas referências acerca da AIDS, grande mal que assola não somente os *gays* quanto os hetero e bissexuais. Além do mais, fora feito uma breve hiasticização da vida de alguns homossexuais, atualmente residentes em Uberlândia – Minas

Gerais, e como os mesmos costumam encarar esta relação social tão preconceituosa a qual temos visto em nossa sociedade e, em grande medida, no próprio meio homossexual. Foram histórias de vida que se mostraram muito enriquecedoras à pesquisa, uma vez que fora propiciado aos mesmos exporem com bastante evidência suas condições de excluídos sociais. Este capítulo se caracteriza por um desabafo por parte dos entrevistados, mesmo porque, como será notado, as falas são longas e, as vezes, repetitivas, no entanto, com detalhes interessantes em temas que perpassam desde a violência familiar até a social.

E por fim – ainda no segundo capítulo -, baseado em documentos orais (coletados entre a comunidade homossexual de Uberlândia) encerra-se a primeira parte das discussões deste trabalho monográfico com algumas considerações concernentes às relações homossexuais dentro da sociedade, e como referido grupo tem se portado na busca por uma justiça mais igualitária e verdadeiramente justa.

No terceiro capítulo será feita uma referência à busca pela cidadania de homossexuais inseridos num mundo cheio de violência e discriminação, destarte elencaremos o conceito de violência silenciosa, talvez o tipo de discriminação mais cruel.

ILUSTRAÇÃO DO TEMA

A DIVISÃO SEXISTA DA SOCIEDADE

A noção de modelo ideal e correspondência de signos tem em Platão a primeira conceituação. Segundo o pensador, o corpo tal como o homem carrega, não passa de uma carcaça imperfeita, senão uma prisão para a alma, esta sim seria o legítimo e o ideal. Ou seja, a alma está presa em uma carcaça, sendo necessário a morte dessas carcaça para que se efetive sua liberdade e a humanidade atinja sua perfeição plena. Sendo o corpo inautêntico, ou melhor uma ilusão, o mesmo não deveria receber tanta valoração.

Quando veio à tona o racionalismo cartesiano, pode-se dizer que essa estrutura filosófica se modifica, e como tal, também os valores humanos. Surge uma maior preocupação com o corpo. No entanto, essa discussão ganhará mais visibilidade primeiro com Nietzsche e, logo depois, um nietzscheano quase fervoroso; o francês Michel Foucault. Nesse momento tem-se a inversão total do platonismo, o corpo passa a ser o mais autêntico e a alma aquilo que aprisiona. Nesse ínterim a querela sobre “diferença dos sexos” também atinge os meios acadêmicos, científicos e leigos. Surge uma mentalidade que começa a apresentar essa diferença e, sobejamente caracterizá-la, quiçá, científicá-la.

Como o corpo, a sexualidade ou o sexo também foram imaginados no ocidente (até o século XVIII quando começa a se processar uma mudança de mentalidade), tendo como parâmetro o platonismo¹. É

¹ O platonismo se caracteriza por uma série de informações, pós-Platão, inspirados nos escritos do mesmo. Isto quer dizer que corpo e alma se encontram em posições distintas, onde a alma é mais “legítima” que o corpo.

notório que, ainda no período clássico, o hedonismo começou a ganhar força no ocidente, principalmente partindo dos cultos pagãos. O corpo, dentro do hedonismo, era bastante valorizado. No entanto, as preocupações filosóficas, consideradas “grandes”, sempre se utilizaram da hierarquização vertical dos dois “cosmos” humanos; corpo e alma, ou nas palavras de Gold:

O grande e o pequeno – macrocosmo e microcosmo – estabeleceram o primeiro domínio da união. A hierarquia dos céus (planetas em torno de uma terra central) reflete a ordem social permanente (padres em torno do papa e servos em torno dos senhores). Os objetos estão ligados internamente bem como por meio de níveis hierárquicos, e todos contam uma história unificada de um sentido intrínseco e coordenado. O unicórnio deve existir na terra porque a presa do narval orna um animal marinho e a correspondência penetra estes dois domínios da vida. [Assim] macho e fêmea devem ser versões do mesmo *eidos* (...) o homem estando mais próximo do *telos* da humanidade... (1991: 11; apud: COSTA, 1996: 68)

Retomando a discussão da “correspondência”, até com o propósito de explicarmos melhor a nota citada, pode-se dizer que, dentro da hierarquização proposta pelo platonismo, homem e mulher não se desvinculam, uma vez que é a alma quem autentica o *antropos* não existia a preocupação de separar, ou mesmo fragmentar o *lógos* humano (entenda-se este *lógos* humano como o corpo psicossocial da sociedade grega). Apesar de termos conhecimento da posição inferiorizada da mulher, nesta sociedade clássica. No entanto, essas questões feministas não interessam no momento, destarte, a homogeneização cognoscente que era macho e fêmea, pois, a alma era uma só.

Após toda a apresentação acima gostaríamos de confirmar o mais importante dessa discussão, a saber; o modelo atual de bissexualidade, ou mesmo de opostos, é verdadeiramente moderno. Tendo no século XVIII sua primeira divisão.

Ainda retomando Platão, o modelo metafísico ideal do corpo humano se configurava na pessoa do homem, sendo a mulher, somente, um homem invertido e, ademais, se encontrava a alma e seu *lógos* perfeccionista e autêntico. Ou em outras palavras, o corpo nada mais é que ato da alma, senão, animação e finalidade; se apresentando, tão somente, como um mecanismo do metafísico e do cognoscente; que seria a alma.

Outrossim, a mulher só passa a ser encarada como mulher, anatomicamente falando, quando a mesma busca interferir dentro da sociedade. Ela só surge 'fisicamente' quando surge socialmente, ou seja, apenas quando começa a questionar a sociedade 'unissexualizada' que as enciclopédias médicas, depois filosóficas, encaram a mulher como um corpo diferente do homem. Até então circulava-se a "verdade" de que os órgãos sexuais masculinos (testículos e pênis) da mulher estavam para dentro, enquanto os dos homens eram externos. Afora, ambos eram um coisa só, ou, conforme Costa: "*A mudança do parâmetro científico só pode ocorrer porque foi antecedita pela polêmica cultural em torno da natureza e da função da mulher na sociedade.*" (1996: 71)

Somente a partir do momento em que a mulher passou a ser representada socialmente de forma distinta, é que anatomicamente começou-se a adotar essa distinção. Neste momento a "correspondência" sai de cena e surge a descontinuidade e oposição. O Iluminismo inaugura o corpo humano de dois sexos e institui a descontinuidade, fazendo com que a mulher deixe de ser um homem invertido. Ela passa, então à existir como um corpo isolado e autônomo. Com efeito surge a bi-sexualização política, mesmo antes de qualquer comprovação médico-científica acerca dessa distinção.

Da mesma forma como a mulher passa a ser distinta do homem, na cosmologia universal e humana, também cai por terra a noção de que o corpo é um instrumento da alma, ao contrário, é o corpo distinto e bi-sexualizado que definirá os arquétipos da alma e, concomitantemente do psicológico. Estes pensadores que introduzem a distinção apresentarão as várias nuances da personalidade feminina, tendo como respaldo a diferença entre o sexo. De acordo com Laqueur:

Para o médico ou o naturalista, a relação da mulher do homem é 'uma série de oposições e contrastes'. Assim, o velho modelo, no qual homens e mulheres estavam ordenados conforme o grau de perfeição metafísica [a alma], o calor vital, ao longo de um eixo cujo *telos* era o macho, deu lugar, no final do século XVIII, a um novo modelo de diferença, de divergência biológica. Uma anatomia e uma fisiologia da incomensurabilidade substituí a metafísica. (1992: 3; apud: COSTA, 1996: 74)

O "corpo metafísico" sai de cena, dando lugar ao corpo sensitivo e caloroso. A distinção sexual tem na "carcaça" o modelo conformativo para a alma.

Na anatomia político-ideológica moderna, o corpo e sua distinção bi-sexualizada trará a descontinuidade dos saberes. Cria-se uma estrutura psicológica para apresentar a bi-fôrma do corpo humano, sobremaneira, do universo humano.

Todavia, esse universo humano deixa de ser metafísico e torna-se corpóreo e físico. As diferenças serão tão veementes que começa a surgir uma discrepância quase sexista. Pode-se dizer que é neste momento que o feminino incorpora seu projeto mais radical, temos uma diferença que ultrapassa o físico, atingindo toda a estrutura política das relações sociais. A homogeneidade cai por terra e o heterogêneo se radicaliza, trazendo até à sociedade um estado de guerra constante. A discrepância torna-se notória; eis quando surge o feminismo.

A ideologia desta heterogeneização acederá à sociedade novas premissas morais, nesse sentido, de acordo com as necessidades burguesas dessa bi-sexualização, surge uma nova distinção sócio-moral que:

(...) o sexo da divisão bipolar é simplesmente o que vai justificar e impor diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, de acordo com as exigências da sociedade burguesa, capitalista individualista, nacionalista, imperialista e colonialista implantada nos países europeus. (COSTA, 1996: 75)

A ideologia toma conta do discurso bi-sexualizado e institui regras de valores, tábuas morais de leis e obrigações, também discutidas. O mito da bi-sexualidade bipolariza a sociedade, os corpos humanos são reinterpretados em favor da nova distinção sócio-moral burguesa.

Neste ínterim surge a desigualdade que cauciona as relações sociais, apresentando ao mundo uma distinção nem sempre justa, entretanto, sempre individualista. O corpo se neutraliza, todo o ambiente social se direciona para justificar a desigualdade do macho e da fêmea, sendo essa última subordinada ao domínio masculino. Cria-se uma estrutura de valor que, reconhecendo a bi-sexualização, apresenta uma ideologia masculinizada e branco-ocidental. O reconhecimento acaba sendo utilizado como pressuposto para a subordinação da fêmea e do feminino. Essa subordinação tem na “incapacidade” da mulher o conhecimento de sua distinção, mas sempre uma distinção hierarquizada.

Ainda, seguindo na trilha do problema da bi-sexualização, detecta-se também o conflito entre as esferas do público e do privado. O Estado burguês sempre interferirá na individualidade de seus cidadãos, chegando ao ponto de desrespeitar a liberdade que o próprio concedera, uma vez que, com o surgimento do Iluminismo a maior preocupação

seria inserir o indivíduo no social, por meio da democracia, o que se nota é uma incoerência quanto à sua estrutura fundacional. Usando dessa premissa começa-se a trabalhar a noção de fragilidade da mulher e a constante “preocupação” com sua situação. O sexo frágil precisava ser protegido dos braços intromissores do Estado. Novamente o feminino surge em cena, porém, sempre inferiorizado.

A Entrada do Homossexual na Cena Científica

A histeria, que acabará se transformando em uma definição e caracterização do feminino – pelo menos é o que nos passa alguns autores que lidam com esta temática – passa a fazer parte do universo ideológico dos iluministas, a partir de um estudo sobre a ossatura (que não nos interessa nesse trabalho) feminina, alguns cientistas detectaram que a histeria seria reflexo dessa ossatura diferenciada (COSTA, 1996: 78-82). Uma vez que se viu a distinção fêmea/macho, também a ossatura se diferenciaria.

Com efeito, quando essa histeria começa a ser encontrada no homem – pelo menos quando os estudiosos desta temática começam a ver uma histeria no homem –, seria o primeiro sinal da feminilização do mesmo.

Nas palavras de Costa:

O cuidado teórico com a histeria da mulher e o descuido com a histeria dos mendigos, trabalhadores, ferroviários etc., tinha como motor a preocupação com a família e a descendência. A histeria era a anti-mãe burguesa; mas o histérico não era o anti-pai burguês. Era um desclassificado, um sem-família, cuja sorte patológica interessava pouco à constituição da ‘raça’ e da moral das *ruling classes*. Seu lugar será ocupado, como veremos pelo ‘homossexual’, contrapartida político-sexual da ‘histeria feminina’. (1996: 82)

Segundo se percebe, o homossexual surgirá enquanto corpo distinto da bi-sexualização e, como tal, também possível de conhecimento, no momento em que o Estado burguês, erroneamente, elenca a histeria como, apenas, característica de fêmea. Dessa forma, quando surge um homem que não se interessa pela noção referendada pela ideologia burguesa do século XIX, de eternização da sua subordinação ao trabalho, por intermédio da família, cria-se estereótipos que o acusam de não querer mais eternizar a espécie, no caso o homossexual não quer saber de eternizar a espécie, inviabilizando aquilo que Marx chamou de exército de reserva do sistema capitalista. Ou noutras palavras, aqueles que não se adequam aos planos capitalistas e mercadológicos da burguesia são considerados imorais, fracos e pobres. Esta seria a salvaguarda da ideologia burguesa, assombrada perante um indivíduo que não se adequa à seus planos, que seria fazer com que o exército de reserva se mantivesse.

Após criados os manequins científicos do homem e da mulher, todo aquele que não se adequava a nenhum dos modelos entraria no discurso da anomalia, quiçá, patologia. Neste caso, os homossexuais seriam o modelo ideal para a anomalia científicista dos séculos XVIII e XIX.

Palmilhando por esta trilha, segundo Costa, o homossexual surgirá como inversão desse modelo científicista do século XIX. A mulher deixa de ser o problema, passando para o homossexual essa oneração. Percebe-se que a estrutura social está criada; temos a sociedade burguesa ditando regras e nomeando o sexual dos indivíduos. Neste momento se faz necessário discutir a intromissão do Estado na liberdade individual. O público passa a intervir no privado.

O homossexual entra em cena tendo o papel de caracterizar a perversão da sociedade burguesa. Sua opção se mostra como algo

externo ao Estado burguês, em contrapartida, na atualidade (século XXI) nota-se uma inversão do Estado. O mercado passa a se direcionar para o público homossexual, eis quando o anormal vira mote de lucratividade. No entanto, deixemos essa discussão para um outro momento de nosso texto.

Como forma de exemplificar melhor essa situação gostaríamos de reproduzir aquilo que Costa definiu como racionalização médico-científica do homossexual, na sociedade burguesa do século XIX:

Diante da bi-sexualidade político-científica, a mulher persistia sendo inferior, mas sempre dentro da norma natural; o homossexual, não. Sua inversão será perversão porque seu corpo de homem será portador da sexualidade feminina que acabara de ser criada. O invertido apresentava um duplo desvio: sua sensibilidade nervosa e seu prazer sensual eram famintos. Seu sexo foi, por isso mesmo, definido como contrário aos interesses da reprodução biológica [e burguesa]. (1996: 85)

É neste momento que detectamos a criação voluntariosa da feminilidade do homossexual, o que o jogará à sua própria miséria. Se anteriormente era questionada a mulher, neste momento (século XIX) começa-se a questionar a problemática do homossexual; “o que é isso, o que este ser estranho está fazendo em nossa sociedade?”

Enfim, como fora apresentado neste capítulo, aquilo que, inicialmente, se aplicara ao discurso da sexualidade não fora o sexo, ou mesmo a opção individual de cada sujeito, mas sim o corpo e sua correlação com os órgãos sexuais. Esta estrutura só será quebrada com o advento dos oitocentos e o surgimento da sociedade burguesa, contrariamente ao neoplatonismo, as preocupações começam a se direcionar ao corpo. É quando surge a imperfeição, o desvio, a anormalidade, doença, patologia ou perversão sexual, porém, sempre direcionado ao Estado burguês e sua ascese produtivista e

homogeneizadora, ou seja, tais estruturas precisam ser exiladas de nossa sociedade.

E, encerrando com os comentários de Costa, referente a essa estrutura filosófico-jurídica, destacamos por intermédio do autor o seguinte:

A homossexualidade será, inicialmente, definida como uma perversão do instinto sexual causada pela degenerescência de seus portadores e, depois, como um atraso evolutivo ou retardamento psíquico, manifestos no funcionamento mental feminino do homem. (COSTA, 1996: 87)

Retomaremos essa discussão em um outro momento dessa monografia, tentando, ao seguir as trilhas deixadas por Costa, aprofundar mais veementemente no tema da feminilização do masculino.

PRIMEIRO CAPÍTULO

A MASCULINIDADE EM QUESTÃO:

As transformações no comportamento dos homens

Dentro de uma sociedade autoritária e meritocrática, nada mais correto que a mudança de atitude dos homens contemporâneos. O que se nota é uma feminilização dos atos masculinos, noções como cuidar de casa, levar filho à escola ou mesmo, procurar um salão de beleza para se cuidar, hoje, tornaram-se, também “programas” de homens.

Mas, afinal de contas, o que a noção de sociedade autoritária e meritocrática tem a ver com essa feminilização do masculino? Ora, até a alguns anos atrás era inadmissível que um homem fizesse este tipo de coisa, caso fizesse, o primeiro chavão que receberia era o de “maricas”. Isso, nada mais é que o reflexo de uma sociedade com um aparato ideológico fortemente fincado em uma cultura que se “comunica” conosco por intermédio de uma mídia tendenciosa e conformativa. Aquilo que a mídia oferece como masculino é aquilo que o homem buscará. A ideologia que este homem recebe todos os dias em sua cabeça traçará o perfil ideal para este macho, e como tal, uma imposição da sociedade, que só percebemos quando paramos para definir nossos valores. Se é uma imposição onde o subordinado não detecta tão perfeitamente, não deixa de ser uma imposição. Neste sentido, os homens se subordinaram involuntariamente. Buscando serem bem vistos pelas mulheres, assim se enquadram, ou seja, é um mistério que a sociedade oferece, com o propósito de “redimir” este macho. Se antes a cultura oferecia à mídia a noção de que a mulher deva ficar em casa, hoje, com novos consumidores no mercado – no caso o homossexual – inverte-se, tem-se buscado um grupo cada vez

maior de homens que estão assumindo afazeres ditos femininos e mulheres que têm assumido os afazeres dito masculinos. Isso dá lucro, por isso esta reviravolta por parte do mercado e de seu meio de comunicação, a mídia.

Ao problematizar este masculino novo, com resquícios de um feminino tradicional, o homem passa a ser encarado com outros olhos. A noção de “maricas” se transforma, surge o positivismo do maricas. Dentro dessa questão, o que se nota, socialmente, é um efeminamento do macho, logo, a noção de sociedade não é única cai por terra, dogmas são revistos e mesmo o preconceito se ameniza.

Este “novo homem” vê na mídia seu referencial de bom marido, ou mesmo bom pai. Cria-se um novo mito para a masculinidade e o universo social, outrora machista, vai abrindo a guarda, deixando o feminino entrar em cena, ou melhor, deixando o homem feminino entrar em cena. Neste contexto, a família transforma-se em fórum de discussão, homem e mulher passam a ocupar o mesmo espaço no universo social.

Esta transformação vêm a tona quando a sociedade começa a propor novas fórmulas de vida, os ídolos do passado caem por terra, novas significações direcionam a sociedade sexista a um universo mais igualitário. As relações de gênero começam a sofrer transformações.

Até que ponto isso é bom, ainda há muito o que descobrir. Se por um lado as relações sexistas tentam se harmonizar, por outro notamos uma total dependência dos indivíduos com relação ao coletivo. Individualmente, homens e mulheres se deixam levar pela ideologia da mídia, que tem um caráter essencialmente homogeneizador. Dessa forma ao imputar sobre os homens, determinados papéis, nossa sociedade o direciona a um mundo machista. E é essa mídia que dá a “autorização social” que segundo Nolasco (1993), possibilita ao homem uma tomada de atitude, rumo ao universo feminino. Com efeito, o

feminismo dos últimos anos foi quem abriu as comportas, levando à bancarrota a sociedade brasileira branca e ocidentalizada, marcadamente machista.

Dentro deste modelo político, extremamente masculinizado, outros grupos não têm uma chance tão igual, de exporem seu ponto de vista. Talvez a crítica do feminismo, quanto a essa imposição, tenha contribuído para essa mudança. Assim notamos um misto de ideologia da mídia (reflexo do feminismo, uma vez que isso dá *ibope*) ditando modelos e a intromissão de grupos estranhos à estrutura machista, a saber: grupos de feministas, além de homossexuais masculinos e femininos. Neste bojo, a síntese de tudo isso é a proposta de uma nova psicologia de séculos vindouros, onde o diferente começa a exigir seu espaço, passando por cima de regras, limites e imposições.

Esta estrutura, que está se estabelecendo neste momento, leva os homens a reverem sua condição masculina, dando visualização para grupos como o de homossexuais exigirem seu espaço.

À luz dessas considerações o que nos chega ao psicológico, é que este sistema ocidental de civilização exclui de seu interesse minorias, consideradas prejudiciais ao seu pleno desenvolvimento impositor.

Tentando problematizar o papel masculino, o que se percebe é uma “nova” característica da sociedade contemporânea, aparada pelo forte apelo da mídia, tentando caracterizar, ou mesmo apresentar, distintos referenciais para uma possível crise de identidade masculina. Amparando nesta, notamos um homem diferente daquele de umas décadas atrás, o que nos faz refletir acerca de um novo papel social para o mesmo, com bases fortemente inspiradas em movimentos sexistas, trazendo à tona uma nova identidade, notadamente predisposta a quebrar ídolos do passado e a propor outras vias de identificação ideológica. Neste contexto, a efeminização masculina, cada vez mais, se descortina em nossa contemporaneidade.

Sócrates Nolasco é um dos que traçou o perfil deste novo homem que, para fugir do estereótipo social do machismo, culturalmente definido para o mesmo:

Estes indivíduos buscam encontrar caminhos próprios para suas vidas, ampliando-os para além da redução a que ficaram submetidas pelo patriarcado que separa a 'vida do homem' da 'vida do macho'. Neste sentido, procuram compreender as razões que os fizeram adotar um padrão de comportamento e que obedecem cegamente. (1993: 18)

Com efeito, esta nova busca tem unicamente o caráter de se libertar de uma estrutura patriarcalista. Todavia, lançamos novamente a seguinte questão: até que ponto estes homens estão se libertando de um modelo para construir um outro totalmente distinto? Será que a forma como a sociedade contemporânea se apresenta não é a repetição uma mídia impositora e ideologizante? Deixo aqui estas questões, para serem pensadas por aqueles que folhearem esta monografia.

Como apresentado no capítulo anterior, a feminilização do masculino, no século XIX, seria o primeiro sinônimo de degenerescência do homem e, como tal, sinônimo à "criação" do gênero homossexual. E por que então essa noção se inverte tão radicalmente no final do século XX e, atualmente, no século XXI? Em um primeiro momento seria uma questão difícil de ser discutida, no entanto, com o advento dos movimentos feministas exigindo direitos, o surgimento de vários grupos e associações de homens, com o propósito de discutir, também, seus direitos e sua posição nesta nova sociedade e, por fim, o aparecimento na mídia de uma noção de "novo homem", esta questão passa a ser encarada com maior facilidade, inclusive, após tantos congressos e encontros com o propósito de discutir a identidade masculina, parece que a situação se aclara e a discussão ganha contornos mais corpóreos.

As questões que estão sendo lançadas constantemente por Nolasco, vêm para respaldar o que fora discutido no capítulo anterior. Se levarmos em consideração o que a ciência machista levantou a respeito da sexualidade humana, a sociedade atual seria totalmente homossexualizada, sabemos, entretanto, que as discussões não podem levar a uma conclusão definitiva da história humana. Seria um erro crasso encarar o ciclo humano como algo evolutivo, da mesma forma, encarar os estudos machistas sobre a sexualidade.

Em contrapartida, uma certeza pode ser apresentada, a saber: os grupos sexistas (que fique claro que não nos referimos aos machistas ou feministas) lutam por um reconhecimento de seus direitos e, sobretudo, pela descontinuidade dessa ordem dominante que tanto nos agrilhoa. Isso significa que, ao buscar direitos, sabendo-se comprometido com deveres autênticos, lutam também por uma melhor estrutura social. Onde a dignidade não seja medida por opção sexual, nem tampouco por situação econômica, e sim por aquilo que o ser humano tem de mais legítimo: sua liberdade e suas opções, além, é claro, de igualdade de direitos.

Enfim, os discursos, estudos e saberes, responsáveis pela confecção de uma ideologia maniqueísta, sempre assolaram as searas acadêmicas, assim, não poderíamos nos esquecer de comentar acerca de tais discursos.

SEGUNDO CAPÍTULO

A SEXUALIDADE E SUAS CONTRADIÇÕES

A sexualidade é parte de nosso comportamento. É uma parte de nossa liberdade mundial (...). Temos que entender que, com os nossos desejos, através deles, vem novas formas de relacionamento, novas formas de amor, novas formas de criação. Sexo não é uma fatalidade, é uma possibilidade de vida criativa.

M. Foucault

Retomando a epígrafe, gostaria de levantar algumas discussões acerca do tema, quando se fala em sexualidade, a mesma refere-se ao conjunto de fenômenos da vida sexual de um ser humano, sendo as vezes conflituosa, contraditória e até mesmo desconhecida. Nossa sociedade sempre procurou formas de regularizar a sexualidade, definindo a representação do ser masculino e feminino, criando assim, a sexualidade marginalizada.

Dentro da perspectiva de controlar o sexo é que surge a palavra homossexualidade, criada em meados do século XIX pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert. A ação da medicina visou dar um registro àquela instância. A palavra homossexual passou a ser empregada para aqueles que não se enquadravam nos paradigmas determinados pela sociedade, passando, gradualmente, a ser utilizada por acadêmicos, e a constituição social da identidade homossexual parece começar a tomar corpo em fins do século XIX. Isso não quer dizer que a homossexualidade não existisse antes, apenas não era vista como anti-natural e imoral (como apresentado no capítulo anterior).

Após sua constituição social, as práticas sexuais entre iguais foram encaradas como anomalia, doença, perversão e pecado que corrompiam a sociedade.

De outro modo, o discurso sobre a homossexualidade foi construído numa relação de vigilância, controle e adestramento, visando a constituição de corpos produtivos. Dessa forma, criou-se o estigma de que a homossexualidade fosse apenas mais uma doença a corromper a sociedade, um desvio inconcebível, mas possível de cura. Não se sabe ao certo se a homossexualidade é uma vontade de ser o que não é, uma escolha pessoal, uma disfunção biológica ou uma doença, o certo é que cada vez mais pessoas tem se revelado enquanto homossexual.

O saber sobre a homossexualidade não se limita na ciência, nos discursos médicos, sobretudo de psiquiatras que disputam o poder de falar e exercer o domínio sobre determinados corpos de diferenciadas práticas.

Conforme Foucault, o poder de dizer a “verdade” sobre a homossexualidade foi disputado por diversos saberes, procurando garantir tanto a competência em discursar quanto as formas de intervenção concreta sobre esses corpos, constituindo uma arena de combate entre “poderes e saberes” que ao invés da neutralidade, exercitam a discriminação. O resultado dessa luta importa, não apenas para o alvo proposto para a repressão, mas também para os lugares autorizados para o exercício da homossexualidade. Buscar para o homossexual, formas ou modelos de reprimi-lo, atribuindo-lhe um caráter doentio não é, decerto, a melhor forma de compreender a sexualidade humana, uma vez que a mesma é constituída de uma complexidade múltipla.

Essa verdade será apresentada por muitos discursos, dentre os quais cada um tentará se sobrepor ao outro, é neste momento que o dito

(então uma representação intencional por parte de grupos dominantes na sociedade) acaba tornando-se real e inquestionável.

Para melhor compreender esse processo, será apresentado uma discussão mais significativa acerca da luta de forças que o discurso da sociedade impetra, destarte, a luta de forças pela verdade social. Muitos tentarão explicar a sociedade impondo um discurso e/ou sua verdade, todavia, sempre tentando afirmar uma verdade individual e personalista.

O Visível e o Representável

(Considerações sobre o discurso)

Antes mesmo de iniciar qualquer discussão mais aprofundada acerca do homossexualismo, como escrito acima, serão apresentadas algumas características do discurso, e como o mesmo é encarado pela sociedade na criação de verdades inquestionáveis.

A respeito da força com que o discurso desova em nossa sociedade toda uma sistemática de produção, assinalando identidades e conceituações, ou mesmo os reflexos que, primeiramente, são sinônimos de signos e/ou significações sociais, ou seja, antes mesmo de adentrarmos ao mundo social como seres sociais, existe toda uma codificação imagética que interfere em nossos hábitos e consolida nossas vontades e, acima de tudo, nosso ponto de vista, ou mesmo, a força como encaramos este mundo em que, sobejamente, vivemos.

Palmilhando nessa direção, o que se mostra de forma mais evidenciada é o jogo de poderes que caracterizam e consolidam nosso discurso e, sobremaneira, a estrutura filosófico-jurídica que afirma nossa sociedade. Partindo em defesa desta mesma sociedade, segundo Foucault, teríamos dois caminhos prováveis a seguir: 1) ou se reforça

essa estrutura social, se utilizando de mecanismos considerados anti-sociais, ou ainda; 2) partimos para uma crítica mais efetiva, tentando contaminar seu ponto mais sensível e, sobretudo, mais determinante, como é o caso da estrutura filosófico-jurídica que perpassa nossa noção de eticidade e moralidade, formadora do “lugar comum”, ademais do “senso comum”, este último o condutor das pessoas em seu modo de vida.

Esta segunda probabilidade colocaria em risco o *statu quo* social e seu “lugar comum”, gerando um certo desconforto por parte de grande parcela da população; neste momento, amparado em Foucault, gostaria de lançar a seguinte hipótese: apesar de serem encontrados em várias fases da história humana, os homossexuais, ainda hoje, assustam a sociedade, é como se fossem um corpo estranho em nosso meio, mas por outro lado, o mercado se usufrui deste estigma e mostra várias possibilidades e serviços para os homossexuais.

Não seria este o momento de questionar esta estrutura machista da sociedade, apresentando o homossexual tal como é? E ainda, até quando ele ficará jogado no entorno dos discursos sociais, uma vez que estes discursos tentam enquadrá-los em categorias, as vezes estapafúrdias, outras maniqueístas? É fato que a sociedade tem encarado de forma diferente mas, a grosso modo, grande parte ainda vê isso como algo estranho e fora de dimensão, haja vista a nova onda de igrejas neo-pentecostais (por exemplo a Universal do Reino de Deus) que se utilizam dessas pessoas para “tentar convertê-las em heterossexuais”; quantas vezes não vimos exemplos como esses em jornais, revistas e TV? É um discurso, dentre vários, que se julga dono da verdade, e que, partindo de um saber personalista, consegue estruturar uma verdade coletiva.

Retomando a primeira probabilidade (apresentada acima e levantada por Foucault), mais próxima da realidade no atual estágio em que se encontra nossas estruturas de poder, ela apenas reforçaria a

contingência excessiva de indivíduos excluídos e/ou marginalizados dessa tão propalada estrutura filosófico-jurídica de poder e, dessa forma, haveria uma consolidação do quadro social que, ora, temos atravessado.

Como é perceptível, existe uma tarefa árdua à frente, uma vez que nossa própria sociedade cria mecanismos de eternização do presente quadro social. É como se houvesse uma permissão que possibilitasse a estes indivíduos questionar o atual *statu quo* (e aqui retomo a discussão de como o mercado encara o filão econômico que é o homossexual).

Apresentando melhor este corpo filosófico-jurídico, faz-se mister esclarecer com maior veemência o real significado deste conceito.

A origem do poder se encontra enviesada de aparatos sociais e jurídicos que a reforça, assim, ao estudar o “como do poder”, apreendendo, a partir de então, todos os seus mecanismos, e ainda, tendo como pontos de referência: as regras de Direito, delimitando esse poder e, por outro lado, a forma como os efeitos de “verdade”, que este último produz, conduzindo-se em si eternamente, logo deduzimos o quão forjadas são as “verdades” circundantes. Existe um discurso filosófico de verdade presente em nossas leis tão forte, que faz uma inverdade passar por uma afirmação ainda mais verdadeira, ameaçando-nos a questioná-la, imprimindo no ar um temor quase sacro por parte de tal discurso.

A filósofa Marilena Chauí apresentará esse discurso como um “discurso competente”, onde uma mentira apresentada em demasia e verticalmente posicionada, de tão cansativamente imposta, se faz passar por uma verdade inquestionável. Ou nas palavras de Chauí:

O discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e

realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante. (1981: 3)

Essa verdade que se cria ganha corpo social e acaba sendo reproduzida dentro da legislação vigente, ou mesmo, é necessário que isso adentre à esta legislação para se fazer valer, a saber, tem mais de 6 anos que um Projeto de Lei (1.151/95) da autoria de Marta Suplicy (atual prefeita de São Paulo), acerca da união entre casais homossexuais, tramita no Senado Federal sem ter uma definição. Apenas após essa efetivação que o homossexual poderá ter uma maior segurança no que concerne à sua união com outra pessoa, antes, porém, sua amparação legal inexistente. Claro que com o Novo Código Civil Brasileiro ficam garantidos os direitos de quem vive junto a mais de 3 (três) anos.

Com essa afirmação buscamos Foucault quando lança o seguinte questionamento: “(...) *como o discurso da verdade ou, pura e simplesmente, como a filosofia entendida como o discurso por excelência da verdade, podem fixar os limites de direito do poder?*” (FOUCAULT, 1999: 28). Ou seja, nossa rede filosófico-jurídica, além de uma convenção humana, se encontra muito bem estruturada que costume compará-la a uma teia que, por excelência, foi criada tão perfeitamente que lhe remetemos uma áurea natural e verdadeira, digna de nos representar e, sobretudo, nos cobrar.

Retomando a discussão apresenta por Chauí, sobre os discursos competentes, nossa sociedade não passa de um emaranhado muito bem apresentável e, sobremaneira, uma construção ideológica ancorada em constantes embates de força e, ademais, uma luta de poderes. A produção da “verdade” é o instrumento mais veemente da justaposição de poderes sobre outros.

Conforme Nietzsche (e referendado por pensadores como Foucault e Chauí), o ocultamento e, de tal sorte, a dissimulação do real são apresentados de forma imediata ao processo histórico, coletivizando as particularidades de um grupo que almeja a sobreposição. Ou seja, os mecanismos ideológicos são demasiadamente fortes e duradouros que, ao surgirem de uma vontade particularizada, quando bem apresentados sistematicamente, criam uma estrutura filosófico-jurídica coletiva e impositora; a verdade coletiva passa a ser o arcabouço de uma verdade individual, originária de um grupo dominante. Neste momento o pensamento se unifica e transforma-se em lei geral. Somos condicionados a agir de acordo com aquilo que deseja as estruturas de poder dominantes. Ainda, com as palavras de Chauí: *“Universalizando o particular pelo apagamento das diferenças e contradições, a ideologia ganha coerência e força porque é um discurso lacunar que não pode ser preenchido.”* (1981: 3)

Dessa forma, ao propor um discurso como estruturador de verdades, o institucional passa a ser o reflexo desse discurso. Na maioria das vezes isso só se afirma quando a própria sociedade se vê entremeada de lacunas, como é o caso de uma legislação que vige pelos direitos homossexuais. Até que se convença a sociedade e prove o contrário, o “discurso competente” continuará se usufruindo desta lacuna para preenchê-la com sua verdade. E tal como é admitido pela sociedade, esquece-se o passado, criando origens e confrontos.

A lei natural surge de um caráter humano (sua falibilidade e, conseqüentemente, suas lacunas existenciais), logo, o natural torna-se aquilo que o humano, de forma ideológica, apresentou aos olhos do social.

A guerra secreta que continua, sob a égide do discurso dominante, traz aos olhos do homem um sistema de verdades mantido acima dos patamares observáveis, perpetuando assim uma estrutura hierarquizada e excludente que, em muitos casos, torna-se definitiva. O discurso se

constrói junto ao fato, afora, mantêm-se nos saberes, tanto populares quanto “aristocratas”.

O que se pode perceber no discurso da sociedade é uma junção de fatores e eventos, tanto populares quanto “aristocratas”, que constróem sua tessitura concreta. No entanto, na maioria das vezes, este “outro” (no caso o homossexual), quando tenta se apresentar à sociedade, acaba sendo mal recebido e, destarte, considerado ilícito e imoral. O meio social não permite a interferência de intrusos.

À luz dessas considerações, o discurso sobre a sexualidade se fundamenta sobre dois pólos distintos: o da sexualidade considerada regular (heterossexual) e o da sexualidade considerada periférica (homossexual). Segundo Foucault, a sexualidade periférica é obrigada a falar e a se reconhecer como tal, provocando uma polarização entre dois mundos da legalidade e da perversão. Desse modo, o status civil que o homossexual ganha na sociedade do século XIX faz remeter a uma classe de indivíduos que dão uma orientação exclusiva à sua sexualidade, embora deslocado da natureza do ato sexual realizado e do caráter do seu desejo sexual.

O homossexual deixa de ser detectado individualmente para constituir um grupo homogêneo, reconhecível em sociedade. Inscrito na ordem do transgressor, o homossexual será qualificado e identificado pela sua aproximação com o feminino e de seu estereótipo: o efeminado, aquele que copia e explora comportamentos e trejeitos femininos.

Essa representação ainda ressoa no imaginário social deste século. Como ser social, o homem esta inserido em um agrupamento que convive com os mesmos recursos, normas, convenções e atribuições, não estando diretamente ligado ao espaço físico, mas à formação de uma identidade que pode estar situada em locais dispersos.

Entretanto o homem realiza sua inserção no campo social ao ter acesso a rede de símbolos que atuam como elemento de mediação entre o indivíduo e a realidade. Essa inserção, em consonância com vários fatores e variáveis, se estabeleceu sobre determinados mecanismos de identificação ou hostilidade, recortando espaço de igualdade entre indivíduos pertencentes a um mesmo grupo e espaço de hierarquia entre grupos diferentes, multiplicando os sistemas e as formas de representar determinados segmentos.

Os homossexuais estão, de certa forma, buscando não só seu espaço junto à sociedade, como também a visibilidade. Esta última que é um processo de revelação, afirmação e sustentação da subjetividade do indivíduo pelo próprio indivíduo na busca da construção de sua identidade. Segundo Edward MacRae:

Aos poucos cresce o número de pessoas que assumem a identidade homossexual, dando coragem a outros a fazerem o mesmo. O aumento de homossexuais tem levado a população, como um todo, a dar mais atenção ao fenômeno, e tem promovido a idéia de que, apesar de certos grupos militantes políticos homossexuais dizerem não desejá-la, parece haver uma tendência à integração na sociedade [neste momento retomo a discussão acima, onde busco Foucault para tratar dos dois caminhos prováveis a serem seguidos]. Afinal, talvez a sociedade não tenha de sofrer mudanças muito radicais para permitir alguma acomodação, alguma convivência. (1991: 6)

Sabemos que a identidade é uma relação construída pelo indivíduo, voltada para a construção do seu eu, sendo interna à subjetividade. Enquanto a identificação é um processo externo que delimita espaços e qualifica indivíduos, resultando um produto contrário ao que é enfatizado pela visibilidade buscada para construir a igualdade.

Em contrapartida, o processo de representação, ao mesmo tempo que se espalha com rapidez, também se cristaliza, apesar de manter uma flexibilidade que lhe permite atualizações constantes. O processo de visibilidade possibilita a ampliação do processo de identidade e a modificação de forma de representar o homossexual.

No Brasil são poucas as manifestações organizadas com o interesse de tornar visível a participação de homossexuais masculinos ou femininos no desenvolvimento do processo social.

Os Homossexuais no Brasil

No Brasil, as proibições ou repressões às práticas homossexuais se fizeram presentes desde o início da colonização. A relação entre iguais passou a ser tratada como crime. Desde o século XVI a sodomia já era tratada como crime e para conter a depreciação sexual no Brasil foram aplicadas por meio de Ordenações Afonsinas a pena de fogo contra o sodomita.

Com o passar do tempo, ocorreram mudanças significativas e a sodomia acabou por desaparecer da legislação e em seu lugar surgiram “*os crimes por ofensa à moral e aos bons costumes, quando praticadas em público*” (TREVISAN, 1996: 103) o que vai de encontro com as questões homossexuais, que ao serem praticadas em público tornam-se caso de polícia. Com o passar dos anos a homossexualidade passou a se caracterizar como crime contra a segurança da honra e honestidade das famílias. Essa caracterização foi instaurada no primeiro Código Penal da República (1890) e é mantida até os nossos dias. O homossexual está inserido nas penas da repressão sexual tal como: “*interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica*

e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade.” (CHAUÍ, 1984: 77)

A invenção dos perversos pelos discursos científicos possibilitou a identificação dos homossexuais segundo suas práticas sexuais. As perseguições ou “caça” aos homossexuais só se tornaram possíveis após a criação da “espécie” em laboratórios – ou seja, apenas depois que o homossexual adentrou o discurso científico -, segundo as normas e padrões da ciência construída com base em observações e experimentos. Porém a “nova espécie” foi construída a partir de elementos existentes no mundo real. É quando se cria uma caracterização baseada em normas e regras sociais.

Assim, a caracterização do homossexualismo como anomalia e doença elimina em parte a perseguição coercitiva do aparato policial, no entanto a sociedade não consegue encarar essa situação de forma espontânea e corriqueira. Daí a noção de que a conduta homossexual não estava sendo encarada como natural e lícita, mas analisada como uma patologia possível de ser curada. Consequentemente uma ação anti-social não deveria receber a conotação de criminosa a ser punida como tal, mas ser tratada pelos médicos psiquiatras. Dessa forma, o homossexualismo emerge como uma patologia provedora de ações anti-sociais e criminosas. Tudo o que foge ao padrão de normalidade imposto pela moral (conjunto de valores para determinada sociedade, em determinada época) é anormal e deve ser combatido enquanto contravenção à Lei.

O desenvolvimento das virtudes próprias da personalidade do homossexual e a inibição dos comportamentos conduziram a sociedade para a alteração dos caracteres de organização. O simples fato de ter em nosso meio uma pessoa com comportamentos contrários acaba por instigar a reflexão dos efeitos sociais, ou seja, a vê-los com discriminação e repugnância, como se essa ação pudesse ser corretiva.

Muitos acham que ao reprimir a sexualidade invertida, estarão transformando a conduta do homossexual.

Na nossa sociedade parece existir apenas lugar para duas imagens sexuais-sociais, consolidadas no homem enquanto ser responsável e provedor da casa, tendo seu espaço social definido; cabendo-lhe o mercado e a política e, na mulher enquanto mãe, um ser frágil, sensível e dependente tendo como espaço social a casa. Dentro dessa divisão binária, não resta espaço definido para homossexuais que estão procurando criar seu próprio espaço, paralelo aos já existente.

As transformações da década de 1960, devido às agitações políticas e sociais brasileiras fizeram com que intelectuais, artistas e músicos famosos deixassem o país em busca da liberdade de expressão, uma vez que o Brasil, com a instauração do Regime Militar de caráter repressivo tornava impossível a disseminação da cultura e da sexualidade. O exílio dos intelectuais na Europa possibilitou a aquisição de novos comportamentos de feição liberalista que foram trazidos à América. A militância juvenil do Brasil, provocou a mobilização e reflexão sociocultural, incitando a organização de grupos que se utilizaram da arte como forma de reivindicação, revertendo valores morais antes estabelecidos, como por exemplo: “faça amor, não faça guerra”. Nesse momento a homossexualidade ganha espaço e começa a crescer dentro da proclamada sociedade democrata.

A busca pela liberdade sexual atinge seu ápice no Brasil da década de 1970, onde tudo parece ser permitido. Homens e mulheres deixam para trás os valores sexualmente adquiridos, a família tradicional começa a perder o seu espaço dando lugar a uma grande liberdade de ação e escolha das relações sentimentais a serem estabelecidas, onde o casamento perde o seu poder repressor e a sexualidade se transporta para todos os espaços sociais. As relações sociais passaram a se dar com maior liberdade e a não serem mais medidas pelo padrão moral. A

homossexualidade ganha o espaço artístico e torna-se espetáculo teatral.

Ainda que restrita – até onde se sabe – ao ambiente teatral, a prática do travestismo ocorria num contexto nada inocente, que com certeza lhe adiciona conotações não exclusivamente profissionais (...) o travestismo proliferou tanto que passou do palco para as ruas e, num movimento inverso, procurou-se legitimar; buscando função nos espetáculos transformistas, de volta aos palcos (...) (TREVISAN, 1986: 144)

As manifestações teatrais dos anos 70 levou a burguesia a assistir os espetáculos produzidos e contracenados por homossexuais que retratavam as vivências e paixões de travestis. Passada a fase do “sexo, drogas e *Rock'n Roll*” iniciou-se uma espécie de defensiva contra a homossexualidade, em nível cultural. O liberalismo homossexual, no seu auge, exitou a elite modernizada que sentia orgulho por poder aceitar homossexuais ao seu redor. Outrossim, temos na atualidade (início dos anos 80 até hoje) os shows comandados pelas *drag queens* (o *gay-chic*), onde homens que se consideram totalmente heterossexuais também fazem show, gerando uma popularidade as vezes exacerbada, afora também aqueles que usam isso de forma profissional; trazendo para dentro da “causa *gay*” o espírito concorrencial capitalista.

Destarte esta problemática, uma outra questão que não poderia faltar a esta discussão, mesmo que de forma superficial, uma vez que tal tem em si nos daria um trabalho monográfico inteiro, é a respeito da AIDS. Pode-se dizer que, antes da “chegada” da AIDS, a convivência com os homossexuais, no Brasil, era mais harmônica e mais reservada, principalmente por parte da elite brasileira. A AIDS entra no Brasil no início da década de 1980 e passa a ser disseminada pelos chamados “grupos de risco”, sobretudo no meio homossexual (pelo menos é este o discurso, é claro que estão mais propensos, contudo, não significa que todo homossexual seja igual). Diante da AIDS, as pessoas passaram a

sentir “raiva das bichas”, utilizando-se de um julgamento moral que torna a doença do corpo uma punição divina para os pecados carnavais ilícitos, como se a AIDS fosse uma doença exclusiva dos *gays*. Hoje sabemos que é uma doença que atinge a todos sem distinção (homos e heteros). Percebe-se que o vírus aterrorizou todos os brasileiros, que acusavam os homossexuais de serem os grandes vilões e, de repente, viram-se todos envolvidos com a doença.

Em virtude da interferência entre a AIDS e as convicções éticas, políticas e ideológicas, em virtude também de seu papel de revelador de fenômenos marginalizadores e considerados tabus, a AIDS mobiliza sentimentos e preconceitos arraigados. Mas a provação que constitui para nossa sociedade a AIDS assimilada aos riscos maiores impõe a prudência. Aquele que, individual ou coletivamente, infringe essa prudência, mesmo que apenas no nível retórico, se facilmente taxado de desumanidade e se isola. (POLLAK, 1990: 18-9)

A prática sexual, em função do medo da AIDS mudou, ao que tudo indica, de forma mas não de qualidade. Homens e mulheres se sentem protegidos por preservativos e continuam a manter a poligamia. A formação cultural do Brasil é muito forte e não mudou abruptamente à luz da AIDS. Passando o medo inicial da doença homens e mulheres continuaram a se prostituir nas ruas das grandes cidades e/ou continuaram inseridos nos grupos de risco.

Disseminadores de doenças ou não, os homossexuais estão espalhados por todo o mundo distribuindo prazeres para alguns e indignação para outros. Mas, no entanto, a população branco-ocidental ainda não conseguiu se acostumar com o diferente, denotando-lhe o caráter de “desviantes” e, principalmente, imorais, uma vez que fogem ao esquema tradicional da família burguesa moderna.

Histórias de Vida: cotidiano e realidade

A homossexualidade percorre caminhos diferenciados que podem levar à prostituição, travestis que ficam em pontos estratégicos das ruas e avenidas da cidade de Uberlândia. Em geral os travestis são aqueles que mais sofrem com o preconceito e a discriminação social, em decorrência de sua maior visibilidade, com relação aos homossexuais.

A prostituição parece ser praticada em grande parte por rapazes pobres, desprovidos dos meios de subsistência que não conseguem emprego no mercado formal (reflexo da atual conjuntura econômica passada pelo país), algumas vezes devido aos seus traços femininos, outras pela pouca escolaridade e até mesmo em virtude do preconceito sofrido em casa e na sociedade.

Nossa pesquisa, no entanto, percorreu outro caminho. Entrevistamos homossexuais com trajetórias de vida diferentes, que vivem relações estáveis e que estão inseridos no mercado de trabalho.

Procuramos, neste momento, fazer um levantamento da história de vida de nossos entrevistados, começando pela infância, passando pela descoberta de sua homossexualidade, pela relação com a família, amigos, o trabalho, a sociedade e a violência sofrida, seja física ou psicológica, que tem se mostrado o grande vilão contra homossexuais.

Por motivos éticos e profissionais decidir usar nomes fictícios caso o entrevistado não permitisse que se nome verdadeiro fosse usado. Entretanto, dentro deste contexto, nome passa a ser algo relativo e sem grande importância.

É sabido que a homossexualidade não tem uma idade determinada para se manifestar na vida de um indivíduo. Ela pode ser percebida

tanto na infância quanto na adolescência e sua descoberta levará o homossexual a trilhar sua história por caminhos distintos.

Nossas personagens são as seguintes: “Lú” 27 anos de idade, nasceu em Uberlândia – Minas Gerais. Mora no bairro Tibery, em casa própria juntamente com familiares e tem sua casa separada (são três casas no mesmo terreno). Na casa da frente Lú tem um salão de cabeleireiro e nos fundos sua casa e, em frente de sua casa, a casa de sua mãe. Terminou o ensino médio (antigo 2º grau), pretendia fazer faculdade de Administração mas em função do seu trabalho acabou não sendo possível.

Além de trabalhar no salão faz apresentações em boates *gays* como transformista. Com o dinheiro que ganha sustenta sua mãe e ajuda os irmãos. Lú tem uma casa bem montada e vive com relacionamento estável há cinco anos.

Filho de pais separados há dez anos, e de uma família com cinco irmãos, sendo quatro homens e uma mulher. Sempre teve a convivência da mãe da irmã, uma vez que seus irmãos eram mais velhos e sua companhia nas brincadeiras infantis era a irmã, Lú nos relata que:

A homossexualidade comigo, assim... não teve uma idade certa, desde bem criancinha de que eu tenho recordações de três... quatro anos, assim... como eu tive uma convivência muito grande com minha mãe e minha irmã... então eu brinquei muito com minha irmã, brinquei de casinha, de boneca... essas coisas assim que taxam ser de meninas... eu e ela sempre nos vestíamos mais ou menos iguais. Então desde que eu me lembre por gente eu sempre tive esse lado mais puxado para o feminino... desde bem criancinha. (21/01/2003)

Na vida da personagem Lú teve um fator muito importante, a boa aceitação da família permitiu que sua homossexualidade floresce sem grandes traumas, pois segundo Lú “... *nunca teve discriminação do tipo*

‘vou te por pra fora!, você vai ter que virar homem!’, nunca tive isso, sempre foi muito bom”. Mas como tudo nem sempre é um “mar de rosas”, familiares como tios, sobretudo do lado paterno, não aceitam bem o “jeito de ser” de Lú e, segundo ele, o que passa na cabeças destes familiares e de muitas pessoas é que a homossexualidade e apenas sexo entre iguais uma depravação. Lú diz o seguinte: *“Eu mostrei pra eles que não é assim, que você pode trabalhar, que você pode ter uma vida, que você pode ser uma pessoa na sociedade.”*

Mesmo acreditando estar inserido na sociedade, em algumas vezes se excluía dela. Na sua adolescência sentia a discriminação dos colegas de escola e em dias que tinha aula de Educação Física, por exemplo, se recusava a trocar de roupa na frente de outros meninos, por pensar que seu corpo era diferente dos outros. Para ele, até então, a homossexualidade estava visível nos traços corpóreos, hoje se compreende que não é assim.

Lú se apresenta em uma boate *gay* fazendo performances e disse que dentro da homossexualidade existem características que os diferenciam:

... o transformista é o homem durante o dia que se veste de mulher à noite para fazer alguma apresentação em boates. O travesti é aquele que tem silicone no corpo e se prostituem nas ruas. Tem os *drag queens* que se veste (sic) exageradamente para fazer brincadeiras, animar festas... essas coisas assim. Tem o homossexual normal que as vezes anda normalmente e as pessoas não vê ele como um *gay*...

Na questão colocada pelo nosso entrevistado como homossexual normal, o que ocorre é uma questão secular, pois ao se mostrar para a sociedade passa a carregar o peso da discriminação, da exclusão social e para não sofrer estes intempéries alguns homossexuais assumem

papeis heterossexuais... casam, constituem família e mantêm casos extraconjugais com outros “homens”.

A exclusão social tem sido real na vida de homossexuais. Para Lú os homossexuais deveriam ter espaços apropriados para se divertirem como cinemas, teatro, clube, ou seja, espaços exclusivos de homossexuais, assim como tem para “heterossexuais”. Porém, criar tais espaços seria uma forma de exclusão, ademais um reforçar da discriminação, por estar pondo à margem os “desviantes” e determinando os lugares apropriados para sua circulação, não permitindo que os mesmos se interajam na sociedade.

Se temos a sociedade machista como inpositora, temos também uma mentalidade homossexual tão sexista quanto, o fato de delimitar espaços físicos apenas reforçaria o preconceito. Se o este último já existe por parte da sociedade e sua mentalidade retrógrada, o mesmo também é notado dentre o homossexuais, uma vez que querem se fechar em seus guetos sem que os “normais” adentrem. Infelizmente, isso já acontece em grande parte do país, os próprios homossexuais, vítimas da sociedade, acabam tornando-se vítimas de si mesmos e de uma mentalidade que, teoricamente, têm tentado destruir.

Nesta perspectiva, segundo Trevisan:

As grandes cidades de hoje têm bares, danceterias, saunas e hotéis para homossexuais – num espaço demarcado onde é permitido circular homossexualmente ou, em outras palavras, onde se vive uma homossexualidade confinada. Em outras palavras, a sociedade só permite que o desejo homossexual circule dentro dos limites do rótulo (tanto quanto tenta, com o mesmo sentido controlador, legitimar o rótulo de bissexual). Desse ângulo, tudo aquilo em torno das chamadas conquistas homossexuais talvez tenha se resumido a um perverso processo de chancela mediante a qual a homossexualidade recebe o carimbo de “consumível”, reforçando o rótulo de “homossexual” ao mesmo tempo em que se lhe outorga a chancela de “normalidade” circunscrita a “lugares apropriados”, quer dizer sempre à margem da sociedade. (1998: 154)

Como se não bastasse a discriminação e a exclusão social, os homossexuais sofrem também com a violência e, em Uberlândia, como em todo o país ela está presente.

De acordo com Lú, tem acontecido coisas assustadoras:

Ultimamente eu tenho visto coisas muito assustadoras, inclusive assim... as vezes até penso assim... aconteceu com fulano, aconteceu com ciclano, agora tá acontecendo do seu lado, igual amigos meus que foram assassinados brutalmente é... um, inclusive até, cliente meu de corta cabelo comigo. Nunca passava pela minha cabeça que ia acontecer tão próximo, igual aconteceu com a gente nesses últimos anos. Eu fiquei muito assustado, tanto é que durante um certo tempo não ma dava nem vontade de sair de casa... tipo uma depressão que deu de querer ficar mais dentro de casa... não quer sair certa hora da noite mais de casa, entende? Muito... muito medo... muito receio depois do que aconteceu.

O que parece mais chocante são as formas que a violência é praticada contra os homossexuais em virtude do preconceito por parte dos agressores que, ao cometerem tais crimes, acreditam estar fazendo “bem à humanidade”.

Foi pedido ao nosso entrevistado que falasse mais especificamente como são os crimes que o aterroriza e ele nos diz que:

... é esses amigos meus, eles foram assassinados. Mas hoje em dia você vê muito assim... da pessoa estar indo por exemplo no Terminal [Central de Uberlândia] e vão a pé até lá [boate Frisson] e ter gangues esperando, tipo assim... assaltar, machucar e bater... esse tipo de coisa. Agora aqueles amigos meus que estava citando anterior, eles foram assassinados... só que antes de serem assassinados eles foram muito machucados, bateram muito, esquartejaram, cortaram seus órgãos genitais... então foi muito doloroso e triste... a gente mesmo, nós homossexuais, fizemos uma manifestação contra o que estava acontecendo na época... contra esses tipos de crimes.

Por outro lado, Thiago, 23 anos de idade, nasceu na cidade do Prata – Minas Gerais. Mora em Uberlândia a 2 anos e meio, também no bairro Tibery, em casa de aluguel, sozinho e longe de seus familiares. Trabalha em um salão de cabeleireiros e numa confecção que produz roupas voltadas para o público *gay*, onde é *designer*. Concluiu o Ensino Médio e pretende fazer um curso superior. Aos 13 anos de idade teve sua primeira experiência sexual com outra pessoa do mesmo sexo. Aos 14 saiu da casa dos pais e foi morar na cidade de Frutal – Minas Gerais, onde viveu por 6 anos; nesta cidade estudou com o apoio financeiro de seu pai.

As dúvidas sobre a homossexualidade se fizeram presentes na vida de Thiago, ele sempre questionava para si mesmo: “O que sou afinal? Sou homem ou sou mulher?”. A resposta veio a partir de sua descoberta como homossexual, segundo o mesmo:

A partir dos 13 anos de idade, quando começou a surgir as dúvidas né, certas dúvidas que vêm na cabeça e aquela certa curiosidade né... foi a partir dessa idade que eu me descobri. O interesse que eu tinha por pessoas do mesmo sexo e foi aí que eu me confirmei realmente. (22/01/2003)

A reação da família foi, de certa forma, surpreendente, pois Thiago temia muito como o seu pai iria agir e decidiu sair de casa para estudar em outra cidade, dias depois retornou à casa de seu pai afim de buscar algumas coisas suas, e a conversa com o pai acerca de sua sexualidade foi inevitável, Thiago relata esse acontecimento:

Bom, foi aos 14 anos de idade, eu já não morava mais em casa, eu estudava fira e meus pais residiam na minha cidade, e em certa tarde meu pai me parou e perguntou, sabe... fez a pergunta (risos)... a tal

pergunta, o que eu seria né, aí então eu falei com ele, na minha hora, na chateação do momento, e do modo em que ele perguntou... eu já não morava mais com eles e estava pegando minhas coisas e estava saindo, depois que eu contei pra ele né, mas aí no mesmo momento ele veio e me pegou... e pegou as minhas coisas e jogou dentro do meu quarto e me abraçou e falou que não importava o que eu era, o que importava acima de tudo é que eu era filho dele e desde então meu pai, minha mãe, minhas irmãs todos me trataram sempre bem. Pra minha mãe, acho assim, a coisa mais valiosa que ela tem sou eu, meu pai sempre fala que tem orgulho de tudo que eu faço... ela tá muito orgulhoso de mim. Pelo modo que eu comecei a conseguir minhas coisas, sem precisar dele a não ser assim... os familiares por parte dele, meus tios, primos não, até que meus primos eu tenho uma relação mais agradável, só os meus tios mesmo é que não aceitam muito, mas o que importava pra mim, no entanto, era meu pai e minha mãe, eles aceitaram e é isso... Meu pai, as vezes, ele tem umas atitudes assim... que eu vejo que assim... é lógico o que diria do filho dele e tal, pois eu sou o único filho homem, entre os três filhos eu fui nascer o homem e, no entanto, sou homossexual.

Vencido o primeiro obstáculo, restava para Thiago os transtornos que sua homossexualidade causaria em sua vida social, sobretudo o preconceito. E sobre isso ele diz:

Até então eu era assumido, não era pra todo mundo, eu era pra minha família e pras pessoas mais íntimas mesmo, né. Mas quando o pessoal da escola onde eu estudava, quando notou, que até foi então uns colegas meu de outra cidade que veio pra minha cidade e então descobriram, aí o preconceito passou a ser um pouco maior, não era tanto porque eu participava do grupo de dança e todo mundo me conhecia, então eles me respeitavam pelo trabalho que eu tinha na cidade em relação à dança. Todo mundo gostava de mim e eu tinha um vínculo muito grande tanto com jovens homens quanto jovens mulheres da cidade, né. Então começou um pouco quando eu me assumi, antes todo mundo pensava, mas a partir do dia que eu assumi, o preconceito aumentou. Mais colegas meus homens se afastaram de mim, alguns eu tinha amizade muito grande e quando souberam afastaram de mim e não me tinha mais como amigo. Muitas pessoas que eu gostava muito e contava muito com a ajuda se afastaram de mim (...). Mas como eu falo pra todo mundo a agente pode ter mil qualidades, mas se tiver um defeito é a bandeira que todo mundo quer erguer.

A violência física ou moral contra os homossexuais é consequência dos modelos criados pela sociedade que está sempre a determinar o que é certo ou errado, moral ou imoral, normal ou anomalia, o que pode-se fazer e o que não pode fazer, etc.. Como os homossexuais são componentes desta sociedade agem à sua forma, porém, seguindo essas normas.

É surpreendente saber que o preconceito e a discriminação se tornam maior entre os próprios homossexuais, do que entre a sociedade. A rivalidade entre eles se dá por disputa de espaço, no caso dos travestis, por inveja, no meio dos transformistas e, no caso dos homossexuais, por medo de um tomar o namorado do outro. Thiago nos faz um relato dessas reações:

A violência tá sendo muito grande... muito grande mesmo, principalmente porque anda acontecendo muita coisa, muitos crimes hediondos mesmo, sabe... pessoas que saem com eles, sabe o que eles são, saem com eles só pra agredir eles mesmo, sabe... a violência é excessiva, até mesmo matando, sabe... só porque eles são gays. A violência é muito grande mesmo ultimamente, agora deu uma diminuída, mas alguns meses atrás tava acontecendo seqüencialmente... Eu vivo bem aqui, não tenho inimizades e com pessoas do próprio meio, sabe... as vezes eles mesmos ficam, assim... com raiva da gente justamente pela inveja, porque por alguns se destacar mais. As vezes o preconceito entre os homossexuais é muito maior do que com os outros [heterossexuais], ocorre muito mais entre a gente, ou a gente mesmo, vamos dizer assim... devido ao ato que um travesti ele age de uma forma... então a sociedade inteira impõe aquela imagem, sabe... pensa que todos os homossexuais são iguais, então não tem isso, então eles mesmos vão causando aquelas imagens, entendeu? Eu acho certo que sou homossexual assumido há dez ou onze anos e então eu não acho necessário sair falando pra todo mundo que eu sou gay, sabe... da mesma forma que eu quero que me respeitem eu acho que tenho que respeitar também o espaço deles.

Um outra história de vida: Jô, nascido em Belo Horizonte – Minas Gerais, mora há dez anos em Uberlândia, no bairro Aparecida com seu companheiro em casa própria. Hoje está com trinta anos de idade e há

doze anos assumiu sua condição de homossexual. Estudou somente até a oitava série, e trabalha em uma loja no *Center Shopping* há oito anos.

Na sua adolescência Jô não se aceitava como homossexual, sentia raiva de si mesmo e sofria com a discriminação por parte de seus familiares e da sociedade. Foi expulso de casa aos dezesseis anos; em razão da discriminação e da não aceitação de si mesmo entrou em depressão, pensou várias vezes em suicídio, acabando por entrar no “mundo das drogas” para fugir da cruel realidade que o cercava:

Eu não entendia porque era desse jeito, achava que não era certo, que era doente e a forma que as pessoas me tratava, que a minha família... dói muito em mim e eu tentava de toda forma me controlar, falar grosso e andar sempre no meio de outros meninos, mas não me sentia bem com isso, sabe... parecia que não tinha lugar no mundo pra mim e meu mundo caiu por terra quando meus pais e irmãos se reuniram pra me dizer que eu devia ir pra bem longe deles e que eles não estavam (sic) a fim de viver num mundo de vergonha, que era ruim pra eles eu ficar perto. Acabei indo pra rua e depois de algum tempo pensei que era melhor que eu morresse, já que ninguém me queria, nem eu me queria e, pra fugir da dor comecei a usar drogas. Tive amigos que me via sofrendo e me aconselhou que eu devia procurar ajuda com um psicólogo. Depois dessa, desse tratamento, comecei então a me conhecer melhor e a me aceitar como homossexual, assumindo totalmente essa nova postura. (29/01/2003)

Jô se mostrou profundo conhecedor da Bíblia e buscou na religiosidade forças para deixar as drogas. Para ele “*a sociedade é mesquinha e egoísta, preconceituosa e muito ambiciosa, esquecendo-se de amar o próximo como a si mesmo.*” Vê na ambição um meio de autodestruição “*pois quem mais tem mais quer e não olham para os miseráveis que estão sofrendo, e não são capazes de ajudar a quem precisa e estão sempre olhando para o próprio umbigo.*”

A fuga, no caso de Jô, tem o único caráter de não se aceitar, quantos, tal como Jô, não vivem o mesmo drama, mormente aceitam sua condição a custo de muito trabalho e psicologia, se temos um

código de regras, normas e condutas que interfere intimamente em nosso dia-a-dia, ninguém como os homossexuais o maiores afetados desta situação, além do mais, este código de normas, por ter mão única acaba pegando também os homossexuais, que acabam reproduzindo-o até entre seus iguais.

Depois de se aceitar como homossexual, Jô mudou-se de Belo Horizonte e veio para Uberlândia, a princípio sozinho, depois conheceu seu companheiro e vivem juntos. Para ele a maior dificuldade em viver longe da família é não poder contar com o carinho da mãe que, apesar de ter sido conivente com seu pai, ainda o ama mesmo não aceitando como homossexual. Para Jô sua saída de casa foi uma forma de não envergonhar a família diante da sociedade que impõe normas e regras e estabelece como o homem e a mulher devem ser.

Jô vê a homossexualidade com várias faces. Para ele existem homossexuais que procuram crescer enquanto ser humano e desenvolve o intelecto, lêem muito e se tornam possuidores de cultura “erudita”, além de estarem sempre aprimorando seu conhecimento. Com esses “intelectuais”, segundo Jô, o diálogo pode ser melhor estabelecido. Existem os homossexuais ricos cuja posição social lhes dá status e eles nem sempre procuram crescer intelectualmente. Já os homossexuais mais pobres é comum vê-los vendendo o seu corpo nas ruas, vestidos de mulher, alguns de forma exagerada, esses são, na visão de Jô, os piores para entrar em contato.

Jô faz uma comparação da homossexualidade com o alcoolismo na sua visibilidade e invisibilidade

uma pessoa pode ser alcoólatra sem ser discriminada, bebe à vontade e vai para casa curar sua ressaca na cama e outros, depois de se embriagar dormindo nas calçadas e acabam sendo discriminados. O mesmo acontece com os homossexuais, a discriminação é maior com os travesti (sic) que prostitui pelas ruas. No meu caso particular adoro me vestir de mulher para viver minhas fantasias em um grande

momento de prazer íntimo, só que não ultrapassa a porta de saída da minha casa, me realizo apenas entre quatro paredes.”

O medo de sair às ruas, o preconceito por parte de seus *iguais*, tudo isso é o universo homossexual e sua contraditória disposição social. Ao mesmo tempo em que solicitam seus direitos, alguns se auto-discriminam, se fechando em guetos cada mais inacessíveis. Esta é uma discussão que poderia perpassar todo um trabalho, no entanto, como não temos tempo nem espaço físico suficiente, faz-se necessário deixar que outras se interessem pelo tema. Se vivem uma violência silenciosa, acaba sendo uma grande maioria de homossexuais os grandes culpados.

Na visão de Trevisan, tentando interpretar a situação de Jô, além de muitos outros que se adequam perfeitamente ao seu discurso homossexual:

Quando se dão conta do seu desejo desviante da norma, os homossexuais correm o risco de sofrer o peso de uma cultura secular que propõe o oposto amoroso do que eles são e, com isso, nega-lhes desde cedo a possibilidade de uma imagem identificatória fundamental para sua auto-estima. Tal problema se torna crucial entre os adolescentes, para quem a configuração identitária é uma necessidade inadiável e condição básica para elaboração de sua auto-imagem. Os rapazinhos homossexuais são obrigados a construir, de maneira sobrecarregada pela insegurança e dolorosa pela solidão, um papel masculino ainda mais vago, num meio inóspito que as vezes provoca fugas ou expulsões de casa, assim como isolamento na escola e na vida social. Por esses motivos, as experiências de crise em suas vidas tendem a ser muito mais complexas do que entre adolescentes com orientação heterossexual. (1998: 188)

Como pôde ser visto, tanto nas entrevistas quanto no comentário de João Silvério Trevisan, os homossexuais, além de sofrerem a violência física que é peculiar à nossa sociedade truculenta, ainda têm que sofrer com outros tipos de violência, é o caso da violência

psicológica por parte da família de sua não aceitação, de tal condição, além do mais, temos a violência silenciosa do preconceito que a sociedade comete, principalmente em âmbito familiar, escolar e social. Não nos esquecendo também da violência intelectual que a mídia (hoje em menor quantidade) oferece à esta sociedade “heterossexual” e, dentre outras. O que nos deixa a seguinte certeza, estão fadados a todo tipo de violência, até a violência entre os próprios homossexuais.

Como será visto no capítulo seguinte, esta violência, além de assumir tão grandes contornos, tem interferido sensivelmente na chamada identidade homossexual, principalmente por parte de grupos organizados e organizações políticas e não governamentais.

TERCEIRO CAPÍTULO

A VIOLÊNCIA SILENCIOSA:

Homossexuais a procura de seus direitos

Na atualidade, homossexuais sonham com dias melhores, com a conquista dos seus direitos e, para tanto, estão procurando se organizarem por meio de grupos ou associações que procuram representá-los e defendê-los junto à sociedade. É notório o número de homossexuais que mostram a “sua cara” e não têm vergonha de exporem sua figura por se sentirem protegidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos que considera a discriminação, seja ela, sexista ou racial um crime e também pelas ciências que sustentam as três formas de orientação sexual (heterossexual, bissexual e homossexual) como iguais, saudáveis, genuínas e naturais.

Segundo Luiz Mott, os anos de 1990 foram marcados por grandes progressos no reconhecimento da cidadania das minorias sexuais, substrato legal e institucional que nos permite conjecturar com sólido otimismo, um futuro melhor para os homossexuais no terceiro milênio. Sabemos que os anos noventa foram, sem dúvida, o marco da consolidação dos direitos humanos de homossexuais no Brasil e que em alguns municípios brasileiros estão sendo criadas Leis Orgânicas Municipais contendo artigos que consideram a discriminação à orientação sexual um crime. Nesse contexto a prática da homossexualidade deixa de ser um crime e sua discriminação torna-se um delito.

A Busca pela Cidadania

No entanto, para que se chegasse a isso muito ainda tem que ser feito, uma vez que a sociedade, apesar de reconhecer a diferença, na prática se contradiz grandemente. Tentarei apresentar algumas discussões que reforcem esse caráter de violência silenciosa.

Como se cabe, cidadania é um termo extremamente genérico, embora, segundo a Constituição, é o grande braço do indivíduo para transformar a sociedade e questionar as mazelas empreendidas pelo sistema que a rege. Entretanto, a noção de cidadania vem, quase sempre, entremeada de violência; as vezes por ser mal interpretada, outras por necessitar do indivíduo um maior comprometimento com o social. Dentro dessa discussão, gostaria de levantar algumas informações sobre a noção de cidadania e homossexualismo.

Com efeito, apesar do Brasil ser visto como o país que mais permite o aparecimento destes grupos na sociedade (tanto por parte da mídia escrita quanto televisiva), também entra nas estatísticas como sendo um dos países que mais cometem crimes contra as minorias e, nesse ponto, entra o movimento homossexual. Assim, retorno o início deste capítulo; cidadania as vezes vem acompanhada com o termo violência e é basicamente essa discussão que desnudaremos aqui.

A homofobia (fobia a homossexuais expressa na perseguição e discriminação), no Brasil, pode ser explicada com respaldo na História e na Antropologia. Dentro da História podemos encontrar uma explicação: quando desvendamos o histórico de nosso país e a total exclusão de suas minorias, a começar pelos índios, depois os negros e mais recentemente (final do século XIX e início do XX) os imigrantes. Como

podemos ver, faz parte de nossa História a “escolha” de grupos que podem ter cidadania.

De acordo com as palavras de Mott:

Por gerações e gerações, nossos antepassados aprenderam, na Bíblia, no Catecismo, através da fogueiras da Inquisição, que ‘viado tem mais é que morrer!’

E no caso específico do Brasil, como os brancos-donos do poder sempre foram minoria, para controlar a ‘negrada’ e a ‘indiaida’ os homens livres tinham de ser muito machos, pois, caso contrário, os oprimidos de cor tomavam o poder. (1996: 100)

Como se nota, Mott está sendo bastante tendencioso no fragmento acima, até mesmo um pouco ressentido, todavia, serve para ilustrar muito bem como foi forjada a mentalidade do brasileiro (aqui já entramos na Antropologia). Apesar de aceitar estas minorias e o diferente, involuntariamente seu cognoscente quer exterminar esse Outro. E esta característica perpassa grande parcela da população, mesmo de forma inconsciente. Ora, não é a toa que o Brasil é o campeão mundial em assassinatos de homossexuais². Novamente, quando se fala em cidadania, indiretamente, temos a presença da violência, pois, os grupos que fazem parte das minorias, ao sentirem-se agredidos, tentam por várias vias mostrarem-se à sociedade, é quando reclamam por direitos que, legal e constitucionalmente já lhes pertencem.

Ao mesmo tempo em que mostra um transexual como exemplo maior de beleza (veja como exemplo Roberta Close), a cada quatro dias se mata um homossexual no país, fora os grupos que surgem com características notadamente neonazistas, propondo a “morte de todas

² Conf. MOTT, Luiz (1996). Os homossexuais: as vítimas principais da violência. VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos (orgs.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, p. 103.

as bichas”. Por isso a recorrência quase constante do termo homofobia na boca do brasileiro.

De maneira lamentável, esta violência não tem aparatos somente físicos, nota-se também uma tendência bem recorrente do silêncio por parte da mídia e, principalmente, pelo silêncio dos burocratas responsáveis pelos Direitos Humanos no Brasil. Como comprovação a essa assertiva: recentemente o governo brasileiro contratou serviços ao Núcleo de Estudos da Violência da USP (Universidade de São Paulo), com o propósito de elaborar um Plano Nacional de Direitos Humanos. Embora considerados como minorias “vulneráveis” à violência, não se tem notícia de nenhuma estratégia concreta, que respalde seus direitos, enquanto os negros receberam 22 propostas de ação (MOTT, 1996: 103). Neste sentido, de forma institucional muito pouco tem sido feito para promover a cidadania plena dos homossexuais, caso não existissem grupos e associações, os mesmos estariam completamente desassistidos judicialmente. Uma outra comprovação desse conservadorismo brasileiro, apresentado no *Segundo Capítulo*, diz respeito ao Projeto de Lei 1.151/1995, de Marta Suplicy, tentando garantir leis matrimoniais e patrimoniais no Brasil; faz mais de seis anos que referido Projeto tramita no Senado Federal. Incompetência ou falta de vontade política?... lanço ao leitor a questão.

Segundo dados do jornal *O Estado de São Paulo*³, a rejeição dos brasileiros com relação aos homossexuais atinge alarmantes 78% da população em geral e 82% entre pessoas formadoras de opinião. Pelo que se percebe, ao invés de montar uma estrutura que cuide deste tipo de discriminação, o Estado brasileiro simplesmente negligencia estes grupos. Nem mesmo a Organização dos Direitos Humanos dão vocação para alimentar, minimamente, a busca da cidadania dos homossexuais. Percebe-se que apenas os grupos *gays* levantam essa bandeira.

³ Confira edição de 7/11/1993.

No dizer de Luiz Mott:

[Existem comprovantes documentais de] graves violações dos direitos humanos dos homossexuais em significativos setores institucionais; no ambiente doméstico-familiar; no acesso ao trabalho e à moradia; nos locais públicos (...) e até no direito elementar de ir e vir. Como se já não bastasse tais entraves ilegais à cidadania deste segmento social registram-se absurdas tentativas em nossa história recente de oficializar a discriminação anti-homossexual no país. (1996: 105)

São agravantes que, sobejamente impossibilitam a efetiva cidadania dos homossexuais, como se já não bastasse Leis que tentam legalizar a discriminação⁴, temos todo um ideário histórico e antropológico que descaracteriza a mudança de mentalidade. A própria sociedade tem sem seu cognoscente ideológico o preconceito e a discriminação; o conceito de alteridade inexistente no Brasil.

Com efeito, esta violência ideológica e institucional ultrapassa os muros do psicológico e desaba na vida das pessoas de forma bastante concreta. Se pelo menos fosse só o silêncio, por parte das autoridades e da sociedade como um todo, o problema não seria tão grave, uma vez que temos vários grupos organizados que combatem esse silêncio, por outro lado o problema maior é o da agressão física, tipicamente advinda de um comportamento homofóbico. Agressão essa que atinge crianças, adolescentes e adultos. Cogita-se que uma parcela considerável de meninos de rua diz respeito, diretamente, à não aceitação familiar das atitudes homoeróticas de seus filhos e da total intolerância doméstica com relação à “opção” assumida por estes pré-adolescentes e

⁴ Conf. MOTT, Luiz (1996). Os homossexuais: as vítimas principais da violência. VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos (orgs.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, pp. 99-146.

adolescentes. A família que seria seu último reduto é a primeira a expulsar.

Afora a violência instituída por nossa sociedade, o maior temor dos movimentos homossexuais é a restrição dos mesmos de freqüentar espaços públicos. Existe uma verdadeira barreira ideológica, onde os próprios homossexuais acabam se auto-excluindo. Eles mesmos temem andar nas ruas, achando que a sociedade o persegue com seus olhos acusadores, entretanto, isso acontecerá com freqüência, não é “trauma de bicha” nem mania de perseguição, é fato concreto. Esta violência ideológica se afirma como a mais grave das violações dos Direitos Humanos, ademais, a perseguição que a própria Lei intercede aos homossexuais. Aqueles que deveriam proteger são os que mais excluem.

A maior arma utilizada pela polícia para perseguir os homossexuais se apresenta no formato de uma farsa legalizada, a saber: sempre se alega “falsidade ideológica” por parte dos *gays*, uma vez que, em várias situações, por não ser permitido pela Justiça, a Carteira de Identidade destes homossexuais continuam caracterizando-os como homens. A maior recorrência desta prática está nos casos dos travestis, diante disso, a polícia tem a arma perfeita para reprimir, enquadrando-os no crime de falsidade ideológica.

Uma outra problemática encontrada nesta situação é a atual quantidade de casos de AIDS que assolam o país; com esta prerrogativa o ônus da doença cai toda nos homossexuais, pois são considerados “grupos de risco”. Não precisamos ir muito longe para exemplificar esta situação, aqui mesmo em Uberlândia, dentro do Hemocentro Regional é visto isso. Antes de qualquer pessoa doar sangue, a mesma passa por uma bateria de questões, é o que eles chamam de triagem. Imaginem a situação, o homossexual quando questionado de sua opção sexual... isso mesmo, é o primeiro a ser excluído, porque ele se encontra “fichado no grupo de risco”. É fato que

deve-se priorizar algumas características, mas até que ponto isso não pode ser enquadrado como violência silenciosa? Deixo aqui este questionamento.

Enfim, se formos enumerar aqui as violências impetradas contra os homossexuais não conseguiríamos terminar este trabalho monográfico, portanto a grande preocupação é caracterizar até que ponto o próprio conceito de cidadania não está sendo utilizado contra os *gays*, em detrimento “da ética e dos bons costumes da sociedade brasileira”. Utilizam-se de artimanhas pseudo-legalistas para coibirem os direitos dos homossexuais. Talvez esta seria a pior violência; a violência legal e silenciosa.

Antes de fechar este trabalho, não sendo, porém, panfletária, gostaria de lançar nestas folhas aquilo que Luiz Mott apresentou como essencial para a efetivação dos direitos homossexuais, a saber:

Que sejam oferecidos cursos de educação sexual em todos os níveis escolares, divulgando-se informações corretas e atualizadas sobre a livre orientação sexual e os direitos das minorias sexuais, substituindo-se desta forma a ignorância e a homofobia por noções verdadeiras a respeito da sexualidade em geral e da homossexualidade em particular;

Que nos 73 municípios brasileiros e dois Estados em cujas Leis Orgânicas e Constituições Estaduais já consta a proibição de discriminação por orientação sexual sejam apresentados e aprovados projetos de emendas legais estabelecendo punições que penalizem aqueles que praticaram ações discriminatórias contra a orientação sexual dos cidadãos, equiparando-os ao crime de racismo.

Que o Movimento Brasileiro de *Gays*, *Lésbicas* e *Travestis* se mobilize a fim de apoiar e subsidiar os parlamentares que defendem a inclusão na Constituição Federal da expressa proibição de discriminação baseada na orientação sexual, assim como o projeto de lei reconhecendo o contrato de união civil entre pessoas do mesmo sexo.

(...)

Que as entidades nacionais e internacionais de direitos humanos estabeleçam relações de parceria com o Movimento de novos grupos e auxiliando a manutenção dos já existentes, solidarizando-se e denunciando as violações dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. (1996: 137-8)

A questão fora lançada, resta agora a interferência da sociedade, com possibilidades de transformação, tentando cobrar os direitos que, legalmente, já pertence aos homossexuais, isto é, se ela quiser...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho monográfico procura fazer uma análise das transformações no campo da sexualidade, sobretudo da homossexualidade.

É importante ressaltar que a análise apresentada não teve como objetivo questionar a prática homossexual entre as pessoas, mas as relações sociais estabelecidas entre heterossexuais e homossexuais. Talvez a contribuição dessas reflexões esteja em chamar a atenção para a necessidade de incorporar ao estudo acerca dos homossexuais masculinos como tema fundamental para o entendimento das relações de gênero.

A representação social do comportamento humano foi determinada pelos discursos científicos que se mostraram incapazes de estabelecer limites e domínios sobre valores, qualificando os desviantes como imorais, ao mesmo tempo em que temos uma reconstrução atual que caminha em direção contrária, apesar dos discursos científicos e sociais não quererem compreender o diferente, na atualidade temos novas possibilidades de entendimento, além de uma visão mais humanizadora destes discursos, é o caso dos estudos mais recentes sobre os homossexuais, transformando os desviantes como algo normal no comportamento e nas atitudes humanas. Nessa perspectiva o homem, como ser vivo, torna-se prisioneiro dos desejos que não pode controlar, apenas substituir ou representar.

O que se tentou, ao longo do texto, fora lançar algumas luzes sobre a problemática social que envolve a homossexualidade, ainda carecendo de estudos mais aprofundados.

Tentamos também apontar como homossexuais, de um determinado seguimento social, estabelecem discursivamente suas relações sociais – as vezes apenas como uma confirmação do discurso dominante. A pesquisa buscou captar como esses indivíduos, possuidores de uma história de vida marcada pela dúvida, pelo questionamento e rupturas com as definições tradicionais das identidades e papéis de gênero sentem o peso da discriminação. Neste aspecto, os sentimentos são marcados por crises existenciais e pela busca da cidadania entre o campo discursivo e prático.

Na história da civilização, os homossexuais são protagonistas e coadjuvantes, apesar das tentativas de “extermínio da espécie” ao longo da História. Espalhados por todo o mundo, hoje é notório o crescimento da população homossexual. As conquistas dos movimentos *gays* possibilitaram que os indivíduos identificados como homossexuais deixassem de sofrer punições legais previstas em códigos criminais de várias nações.

Isso não significa que os homossexuais deixaram de ser discriminados ou excluídos socialmente. O preconceito existente em nossa sociedade – e até entre os próprios homossexuais – é secular e não se acaba repentinamente, pois o que está em jogo são as diferenças marcadas pela orientação sexual.

Procurei fazer um trabalho que despertasse nas pessoas um sentimento que ultrapassasse a mera confecção de uma monografia, gostaria que esta pesquisa fosse encarada como uma possibilidade de mudança de mentalidade, para que em um futuro não muito distante os próprios homossexuais comecem a se encarar como pessoas que são e, principalmente, que os ditos heterossexuais deixem de ver os primeiros como uma aberração à criação humana e natural.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

AGUIAR, N. (org.) (1997). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: RECORD/Rosa dos Tempos.

BADINTER, E. (1993). *Um e o Outro: relações entre homens e mulheres* (5 ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CHAUÍ, M. (1981). *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez.

CHAUÍ, M. (1984). *Repressão Sexual: essa nossa desconhecida*. São Paulo: Cortez.

COSTA, J.F. (1996). O referente da identidade homossexual. PARKER, R. & BARBOSA, R.M. (orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABIA/IMS/UERJ.

DAVIS, N.Z. (1990). *Culturas do Povo...* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FOUCAULT, M. (1999). *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, M. (1985). *História da Sexualidade* (vol. I). Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, M. (1993). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.

FRY, P. & MACRAE, E. (1991). *O que é Homossexualidade* (7 ed.). São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos).

MOTT, L. & CERQUEIRA, M. (2001). *Causa Mortis: Homofobia*. Salvador: Grupo Gay da Bahia.

NOLASCO, S. (1993). *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.

NOLASCO, S. (1995). *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco.

PEDRO, J.M. & GROSSI, Mirian Pillar (1998). *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinariedade*. Florianópolis: Mulheres.

POLLAK, M. (1990). *Os Homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade.

SAFFIOTI, H.I.B. (1992). Rearticulando gênero e classe social. COSTA, A. de O. & BRUSCHINI, C. (orgs.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas.

SCOTT, J. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. 16(2):5-22, Porto Alegre: jul./dez. 1990.

SCHOWALTER, E. (1993). *Anarquia Sexual: sexo e cultura no fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco.

SOIHET, R. (1997). Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas. SAMARA, Eni de Mesquita et alli. *Gênero em Debate*. São Paulo: EDUC, pp. 55-82.

TREVISAN, J.S. (1986). *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil* (2 ed.). São Paulo: Max Limomad.

TREVISAN, J.S (1998). *Seis Balas num Buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Record.

VAINFAS, R. (1986). *História da Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.

VAINFAS, R. (1997). *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

VASCONCELOS, N. de (1994). *Sexo: Questão de Método* (1 ed.). São Paulo: Moderna.

VASCONCELOS, N. de (1985). *Amor e Sexo na Adolescência*. São Paulo: Moderna.

VELHO, G. & ALVITO, M. (1996). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.

Fontes orais

Lu 27 anos, entrevistado no trabalho de campo em 21 / 01/ 2003.

Thiago 23 anos, entrevistado no trabalho de campo em 22/ 01/ 2003.

Jô 30 anos, entrevistado no trabalho de campo em 29/ 01/ 2003.